

A CULTURA CORPORAL COMO ÁREA DE CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Lívia Tenorio Brasileiro

Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Eliana Ayoub

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Marcelo Soares Tavares de Melo

Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Ana Rita Lorenzini

Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Andrea Carla de Paiva

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Marcílio Barbosa Souza Junior

Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

Resumo

Este texto analisa o conceito de Cultura Corporal apresentado como objeto de estudo da Educação Física. Trata-se de um texto no formato de ensaio, que se caracteriza como um estudo de base teórica, elaborado a partir de reflexões sobre o termo Cultura Corporal, buscando refletir sobre como este termo se insere na área de Educação Física ao longo das últimas décadas e confere a esta uma identidade para sua área de conhecimento. Desta forma, nosso objetivo é analisar a base conceitual que sustenta o termo Cultura Corporal, tomando como referência sua obra de origem “Metodologia do Ensino da Educação Física” (COLETIVO DE AUTORES, 1992) em diálogo com referências que lhe dão sustentação teórica.

Palavras-chave: Educação Física. Cultura Corporal. Área de Conhecimento. Objeto de Estudo.

Introdução

Este texto analisa o conceito de Cultura Corporal apresentado como objeto de estudo da Educação Física¹. Trata-se de um texto no formato de ensaio, que se caracteriza como um estudo de base teórica, elaborado a partir de reflexões sobre o termo Cultura Corporal, bus-

¹ Tal reflexão foi oriunda de um fragmento da tese “Dança e Educação Física: (in)tensas relações” (BRASILEIRO, 2009) e ampliado em debate junto aos pesquisadores do Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esportes – ETHNÓS/ESEF/UPE.

cando refletir sobre como este termo se insere na área de Educação Física ao longo das últimas décadas e confere a esta uma identidade para sua área de conhecimento.

Desta forma, nosso objetivo é analisar a base conceitual que sustenta o termo Cultura Corporal, tomando como referência sua obra de origem “Metodologia do Ensino da Educação Física” (COLETIVO DE AUTORES, 1992) em diálogo com referências que lhe dão sustentação teórica.

Reconhecemos que o termo Cultura Corporal é apresentando na produção acadêmica da Educação Física na década de 1990, tendo a obra mencionada, escrita por um Coletivo de Autores², seu marco conceitual na divulgação nacional.

Para situar esta obra, faz-se necessário ressaltar que a década de 1990 deu destaque à produção teórica da Educação Física brasileira que, na década anterior, recebeu um impulso significativo com os estudos que realizavam a crítica ao modelo de esportivização presente na área, com a intenção de superar um modelo de orientação tecnicista e entrar em consonância com as discussões educacionais da época. Tal produção analisou o papel social e político que a Educação Física vinha assumindo, iniciando estudos numa perspectiva crítica com base na Pedagogia histórico-crítica, baseada nos estudos de Dermeval Saviani.

Oriundo do movimento da década de 1980, tem-se um quadro de referências teóricas que apontavam para a necessidade de pensar em uma Educação Física progressista, revolucionária ou popular³. Essas referências chegaram à década de 1990 assinalando diversas possibilidades de entender uma Educação Física progressista, o que gerou um intenso debate, pois o consenso na avaliação da superação da Educação Física dos anos 1980 passou a expressar um conflito nos anos 1990, sobre a identidade da área e qual o seu papel no processo de formação humana.

A obra do Coletivo de Autores (1992) foi lançada no bojo dessas discussões, com a intenção de apresentar uma proposta pedagógica sistematizada para a área, com base em uma perspectiva crítica da educação (TENÓRIO *et al.*, 2012).

O lançamento desse livro teve grande repercussão na área, uma vez que a Educação Física carecia de propostas sistematizadas que avançassem no debate sobre a superação do paradigma da aptidão física. Sendo, até hoje, uma das mais importantes referências nas discussões sobre Educação Física escolar no Brasil, esta obra vem orientando inúmeros trabalhos de pesquisa e políticas públicas, a exemplo da pesquisa de Souza Junior *et al.* (2011a, 2001b).

Desta forma, neste ensaio iremos recorrer a esta obra, revisitando-a, na intenção de dialogar com seus principais conceitos e bases teóricas, com o intuito de analisar como se sustenta o termo Cultura Corporal na área de Educação Física.

Revisitando a obra em diálogo com suas principais bases teóricas

A obra do Coletivo de Autores (1992; 2012) problematizou duas perspectivas para a Educação Física no espaço escolar, uma baseada no desenvolvimento da aptidão física e outra na reflexão sobre a Cultura Corporal. Para tal, partiu da discussão sobre o projeto político-pedagógico que orienta o trabalho escolar e se materializa na escola pelo currículo.

² Esse Coletivo de Autores é formado pelos professores: Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escolar e Valter Bracht, autores oriundos de diferentes instituições brasileiras, tendo a maioria formação e atuação em cursos de Educação Física, com exceção da Prof^a. Elizabeth Varjal que é pedagoga. O livro teve sua primeira edição em 1992 e em 2012, quando completou 20 anos, foi publicada uma nova edição com um pós-fácio que integra entrevistas com os autores. Tal ampliação foi realizada a partir de uma pesquisa intitulada “Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão do Grupo” desenvolvida pelo Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte – ETHNÓS/ESEF/UPE.

³ Nesse período, alguns estudos se destacam frente a essa reflexão, dentre eles: Medina (1983); Castellani Filho (1988); Ghiraldelli Júnior (1989).

Denomina-se como uma pedagogia emergente, sob a qualificação de "crítico-superadora", reconhecendo que houve reflexões importantes na década de 1980, porém estas chegam à década de 1990 sem apresentar uma proposta metodológica de ensino sistematizada que colocasse em discussão a hegemonia do modelo da aptidão física.

Assim, tomando como referência uma articulação entre a teoria geral do conhecimento e a psicologia social, a obra indica que a concepção de currículo deve ser ampliada tendo como eixos a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social em que vive o aluno. Esse currículo materializa-se na escola através da dinâmica curricular, que corresponde ao trato com o conhecimento, à organização e à normatização escolar, optando por tratar o ensino de forma espiralada, através de ciclos de escolarização (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Importante destacar a compreensão sobre a dinâmica curricular apresentada, que toma a visão de totalidade como sua principal dimensão, na qual

Cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo (Línguas, Geografia, Matemática, História, Educação Física etc.). Pode-se afirmar que uma disciplina é legítima ou relevante para essa perspectiva de currículo quando a presença do seu objeto de estudo é fundamental para a reflexão pedagógica do aluno e a sua ausência compromete a perspectiva de totalidade dessa reflexão (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.30).

Sua base teórica para a discussão no campo da Educação foi a obra de Dermeval Saviani intitulada "Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações" (SAVIANI, 2011), a qual, refletindo sobre a natureza e especificidade da Educação, anuncia a pedagogia histórico-crítica como uma das tendências críticas da educação brasileira, apresentando as primeiras aproximações à educação escolar e seus desafios.

Imbuídos dessa reflexão crítica, os autores localizam na Educação Física uma perspectiva que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do ser humano. Esta se baseia prioritariamente nos fundamentos biológicos, nos quais "O conhecimento que se pretende que o aluno apreenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento de sua capacidade física" (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.37). Sob esta ótica, o esporte será o destaque dentre os seus conteúdos, o qual permite o ensino através de técnicas e de táticas em um tempo e espaço próprio ao mesmo. Para tal, a Educação Física tem suas aulas separadas para homens e mulheres, considerando os aspectos de ordem fisiológica; seu horário diferenciado dos demais componentes curriculares, devido a justificativas higiênicas; e é realizada preferencialmente em um espaço padronizado, próprio da organização esportiva: a quadra.

Ao anunciar a perspectiva da reflexão sobre a Cultura Corporal, expressam que ela

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.39).

A reflexão sobre a Cultura Corporal apresentada pela obra busca um entendimento histórico da cultura, em que se destacam, como especificidade da Educação Física, as formas de atividades corporais, formas de “expressão corporal como linguagem”.

Para a discussão sobre a produção humana e suas formas de expressão, os autores tomaram como referência as obras de Vigotsky (1987; 1988). Sob essa referência, os autores enfatizam a importância

[...] da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.40).

Construção essa que tem a dimensão corporal materializada nas três atividades produtivas da história da humanidade: o trabalho, a linguagem e o poder. Estas acontecem de forma simultânea e se explicitam na realidade, sendo exemplificado que

É linguagem um piscar de olhos enquanto expressão de namoro e concordância; um beijo enquanto expressão de afetividade; uma dança enquanto expressão de luta, de crenças. Com as mãos os surdos se comunicam pela linguagem gestual.

É trabalho quando desenvolve diferentes movimentos sistematizados, ordenados, articulados e institucionalizados, transformados, portanto numa produção simbólica: um jogo, uma ginástica, um esporte, uma dança, uma luta. Finalmente, é poder quando expressa uma disputa ou desenvolve a força física para a dominação, por exemplo, numa luta corpo a corpo (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.40).

É na relação com outros seres humanos que a produção humana vai sendo gerada, sendo a linguagem uma das suas mais importantes expressões. Deste modo,

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para outros homens, que existe, portanto, também primeiro para mim mesmo e, exatamente como a consciência, a linguagem só aparece com a carência, com a necessidade dos intercâmbios com os outros homens (MARX; ENGELS, 1998, p.24).

O trabalho, por sua vez, está presente na relação mantida entre o ser humano e a natureza, sendo o trabalho uma forma de agir sobre a natureza, na intenção de modificá-la, de atender às suas necessidades. Nesse sentido, o trabalho “[...] não opera somente uma mudança de forma nas matérias naturais; mas realiza ao mesmo tempo seu próprio objetivo, do que ele tem consciência, o qual determina como uma lei seu modo de ação e ao qual ele deve subordinar sua vontade” (MARX, 1987, p.136).

Baseando-se nesses princípios, a obra apresenta o conceito de Cultura Corporal, que se constitui de conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pelo ser humano acerca das atividades corporais que se expressam na dança, ginástica, jogo, esporte, luta.

Assinalando para uma formação humana na perspectiva omnilateral⁴, as discussões do livro trazem como conhecimento identificador da área da Educação Física o estudo na pers-

⁴ O termo “omnilateral” ou “onilateral” é encontrado em “A Ideologia Alemã”, obra de Karl Marx e Friederich Engels (1987). Segundo Manacorda (1991, p.79), a “omnilateralidade” trata da “chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e

pectiva sócio-histórica dos elementos constitutivos da Cultura Corporal, o que possibilita a todo cidadão o acesso aos meios e ao conhecimento deste acervo como um direito inalienável.

A base teórica que ancora esse conceito é apresentada a partir da concepção de trabalho como princípio educativo, sendo explicitado que

O primeiro pressuposto de toda a história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. E para se manter vivo, teve o homem que produzir seus meios de vida, meios estes que foram sendo modificados no curso da história pelas ações dos próprios homens em contato com a natureza, com outros homens e consigo mesmo (MARX; ENGELS, 1998, p.27).

O ser humano, como ser social, mantém relação ativa com a natureza, relação esta que dá existência à sua história. Para Marx e Engels (1998) a natureza já não é original, pois foi transformada pelo ser humano. Assim, a existência dos humanos vivos gera a história humana. Nesse sentido,

A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. Não podemos, naturalmente, fazer aqui um estudo mais profundo da própria constituição física do homem, nem das condições naturais, que os homens encontram já prontas, condições geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras. Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história (MARX; ENGELS, 1998, p.10).

A partir dessa intervenção na natureza o ser humano produziu bens, materiais e imateriais, e o campo da Cultura Corporal congrega um acervo de bens imateriais que deverão ser, no espaço escolar, tratados pedagogicamente junto a crianças, jovens e adultos em formação. A natureza da Educação como trabalho imaterial (conhecimento) possui especificidade. Esta tem como hipótese histórica que a natureza humana não é dada ao ser humano, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Assim, “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2011, p.13).

Entende-se, com base nesse referencial, que a distinção dos seres humanos dos animais ocorre pela produção de seus meios de existência, e que esse “[...] passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal” (MARX; ENGELS, 1998, p.10).

Portanto, a obra do Coletivo de Autores iniciou uma discussão sobre a Cultura Corporal e a possibilidade da Educação Física tomar o acervo de formas exteriorizadas pela expressão corporal produzidas pelos seres humanos como objeto de estudo da área e, ao anunciar esse conceito, pautaram um campo profícuo de discussão: afinal, o que é a Cultura Corporal?

Para Silva (2005), as perspectivas que situam o corpo no campo da cultura apresentam elementos que superam a fragmentação presente nas concepções de corpo e de cultura com as quais a Educação e a Educação Física se orientavam (e, de certo modo, ainda se orientam, dependendo das vertentes teóricas adotadas).

O livro não possibilitou aprofundar essa discussão, mas ao longo desses anos, as discussões da área incorporaram essas reflexões, vindo a questionar a ênfase dada à dimensão corporal, como se ela estivesse separada de uma suposta dimensão não corporal.

prazeres, em que se deve considerar, sobretudo, o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho”.

A partir da explicitação do termo *Cultura Corporal*, é apresentada por Kunz (1994) uma discussão na qual o autor afirma que o Coletivo de Autores (1992), ao utilizar essa denominação, reforça o dualismo corpo e mente criticado pela área até então.

[...] com toda certeza estes autores sabem que, pela concepção dualista de Homem, se existe uma cultura humana que é, apenas, corporal, devem existir outras que não o são, que devem ser então, mentais ou espirituais, e, certamente, não incluiriam a cultura corporal do jogo, esporte, ginástica e dança como uma cultura "corporal" na concepção dualista. Embora este conceito de "cultura corporal" esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e Esportes, parece-me, apenas para reforçar uma cultura desenvolvida via movimento humano, é, de qualquer forma, um conceito tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal (KUNZ, 1994, p.19).

Taffarel; Escobar (2009), dialogando com o autor citado acima, reafirmam ser o campo da *Cultura Corporal* o objeto de estudo da Educação Física, na perspectiva de que todo conhecimento é fruto da práxis humana, sendo este expresso em atividades de produção material e não material. Entendem que frente à amplitude das atividades de produção não material, a Educação Física examina “[...] algumas como o jogo, a ginástica, a dança, a mímica, o malabarismo, o equilibrismo, o trapezismo, o atletismo e outras do gênero, para procurar seu enquadramento teórico e os direcionamentos práticos para sua inclusão na sua disciplina escolar”. Enfatizam, ainda, que essas atividades “[...] são conceitos historicamente formados na sociedade, por isso existem objetivamente nas formas de atividade do homem e nos resultados delas, quer dizer, como objetos racionalmente criados” (TAFFAREL; ESCOBAR, 2009, p.175).

Essas autoras partem do pressuposto de que o ser humano não nasceu executando essas atividades, elas foram construídas em determinados momentos históricos, de acordo com diferentes necessidades dos mesmos, sendo compreendidas como atividades produtivas com significados sociais próprios que vão se alterando ao longo da história. Deste modo, baseando-se em Karl Marx, entendem que o ser humano “[...] põe em movimento, pelas suas pernas, braços, cabeça e mãos, as forças de que seu corpo é dotado para se apropriar das matérias e dar-lhes uma forma útil à sua vida” (TAFFAREL; ESCOBAR, 2009, p.176).

E exemplificam:

Quando o homem esquia em vertiginoso ziguezague numa íngreme ladeira, cinde as águas com ágeis braçadas ou em poderosas lanchas, voa graciosamente em asa delta ou livre e ousadamente em trapézios altíssimos, coloca uma bola num ângulo imprevisível da quadra de tênis, permanece no ar, desafiando a gravidade numa arriscada pirueta ginástica, ou finta sagazmente seu rival com a bola inexplicavelmente colada no seu pé, está materializando em movimentos um conteúdo cujo modelo interior só se determina e define no próprio curso da sua realização. O modelo inicial do qual parte essa atividade prática objetiva impregna-se da subjetividade de sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos, ou outros, que se relacionam com a realidade da própria vida do sujeito que age e com as suas motivações particulares. Desse modo ele usufrui a sua produção na própria objetivação ou materialização da experiência prática, sendo intrínseca ao valor particular que ele lhe atribui a unidade indissolúvel entre o interior e o exterior, entre o subjetivo e objetivo (TAFFAREL; ESCOBAR, 2009, p.175-176).

Assim, não se trata de uma visão dualista, mas de uma perspectiva de que todo conhecimento é fruto da práxis humana, e esta se desenvolve dinamicamente e em meio às interações sociais, sendo expressa em atividades de produção material e não material. Esta última tem nas manifestações da Cultura Corporal uma incidência que a área de Educação Física vem buscando problematizar.

Desta forma, consideramos que a obra do Coletivo de Autores (1992; 2012), ao anunciar o termo Cultura Corporal, lança mão de uma base teórica que explicita a ação humana como expressão da cultural imaterial. Este aporte requer uma matriz científica que transcende o imediatismo dos fenômenos, tendo como seu elemento fundante o trabalho humano, entendido em sua relação entre seres humanos e natureza, permitindo colocar em prática uma perspectiva científica de construção de uma unidade metodológica que contrapõe a lógica do conhecimento fragmentado. Assim, o referencial teórico-metodológico, na área da Educação Física, permite-nos reconhecer o sujeito como histórico, resultando das relações entre os seres humanos, relações estas articuladas pela linguagem.

A referida obra anuncia a discussão da expressão corporal como linguagem, mas não se dedica a esta dimensão, sendo reconhecida em sua 2ª edição (pós-fácio) por alguns de seus autores a necessidade de ampliar a discussão sobre linguagem.

Cultura Corporal e Linguagem: contribuição à discussão

Essas discussões permitem compreender o campo da cultura na acepção de Arantes (1981), na qual a cultura significa e em todos os atos da vida social há significação. Considera que

[...] a cultura (significação) está em toda parte. Todas as nossas ações, seja na esfera do trabalho, das relações conjugais, da produção econômica ou artística, do sexo, da religião, de formas de dominação e de solidariedade, tudo nas sociedades humanas é construído segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos “cultura” (ARANTES, 1981, p.34).

Mesmo partindo deste conceito mais geral, a área da Educação Física tem importante contribuição no processo de formação de crianças, jovens e adultos por possuir um saber cultural, uma produção cultural humana que se estabilizou/legitimou no campo de conhecimento, que tem significação no mundo.

Ainda quanto à cultura, para Leontiev (1978), “[...] o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da **cultura** criada pela humanidade” [grifo nosso] (LEONTIEV, 1978, p.261).

Nessa direção, compreendemos que a cultura é um processo de produção da existência humana e que o ser humano cria artefatos e instrumentos, mas também conhecimentos, valores, crenças, ou seja, ideias, ao mesmo tempo em que utiliza e elabora a linguagem para o desenvolvimento do pensamento e planejamento da sua práxis. As referidas ideias são produtos que exprimem as relações que o ser humano estabelece com a natureza na qual habita. Assim, a cultura é concebida como história e compreende, portanto, a totalidade dos significados sociais gerados nas relações com a cultura-trabalho-linguagem.

De acordo com Leontiev (1977, 1978, 1981), na história da humanidade, a aquisição da linguagem proporcionou um salto qualitativo decisivo para a afirmação da natureza social humana e, nesta, a linguagem como signo consubstancia a ideia a ser expressa sob a forma de conceitos e juízos de valor. Neste rumo, reconhecemos que a produção da linguagem é necessária à representação do objeto sob a forma de conceito.

Subsidiada no referencial supracitado, a Educação Física, vem sendo consolidada como área de conhecimento que tem na Cultura Corporal, seu objeto, sua base de sustentação,

levando em consideração que não existe uma dimensão não corporal, mas existem atividades que têm no signo não verbal, no gesto significativo⁵, seu suporte privilegiado (BAKHTIN, 1999). Nesse caminho reflexivo, compreendemos que o conceito “Cultura Corporal” vem sendo produzido pela Educação Física em diálogo com o conceito “Linguagem”, cujas reflexões explicitadas neste estudo apóiam-se em Leontiev e Bakhtin. A Educação Física é constituída por uma singularidade que não se expressa somente pela palavra, pela linguagem verbal, uma vez que sua materialidade manifesta-se na linguagem não-verbal, na ação do tipo corporal, no corpo, no gesto do ser humano. Para Bakhtin (1999, p.38), “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele”. Nesse sentido, podemos afirmar que um não substitui o outro: “Gesto e palavra, palavra e gesto, juntos, imbricados. [...] verbal e não-verbal entrelaçados, entretecidos...” (AYOUB, 2012, p.279). Claro está que a escrita e a oralidade também são constitutivas da gestualidade e, igualmente, a gestualidade também é constitutiva da escrita e da oralidade.

A escola, ao fazer uma opção por uma formação humana ampla, terá de trazer para seus processos de formação o conhecimento útil e necessário à existência humana, o clássico dessa cultura sistematizada por diferentes componentes do currículo escolar. Quando falamos em clássico, estamos atribuindo o mesmo sentido que Saviani (2011, p.11-20) atribui no livro “Pedagogia Histórico-Crítica”, significando o trato com o conhecimento sistematizado sobre o objeto. Para Saviani (2011, p.17): “Clássico na escola é a transmissão – assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir”. Isto também requer entender a escola como processo e produto da ação dos seres humanos em um determinado grau de desenvolvimento, para atender às motivações, às necessidades, materializando objetivos.

Na referida instituição, a Educação Física tem como objeto de estudo a Cultura Corporal, participando do processo de formação escolarizada, socializando expressões que foram e vêm sendo desenvolvidas pelos seres humanos, que se expressam na dimensão corporal, no que designamos aqui de gesto significativo, como forma de possibilitar a todos os estudantes o acesso ao conhecimento e aos seus meios de (re)produção como um direito inalienável de acesso à produção cultural imaterial.

Nesta perspectiva, a capacidade da expressão corporal como linguagem desenvolve-se numa sequência de vivências e de experiências que se iniciam na interpretação espontânea ou livre, passando para a interpretação e explicação de conteúdos clássicos, em que conscientemente o estudante apropria-se e produz a linguagem corporal. Para tanto, a Educação Física trata diferentes ações humanas (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, a luta, dentre outras), orientadas para a realidade concreta, às necessidades e motivações humanas, com fim formativo que promove a apreensão do conhecimento histórico indispensável ao desenvolvimento do pensamento sobre a Cultura Corporal, expressando o caráter político do ato educativo.

Reconhecemos, dessa forma, a necessidade de repensar a formação em Educação Física, na perspectiva de tomar como objeto a Cultura Corporal, tendo como eixo articulador do conhecimento a práxis, orientada por uma concepção de mundo, por um método que permite uma apreensão que vai à raiz da realidade, da unidade teoria-prática, de novas sínteses do conhecimento e no plano da realidade histórica. A práxis é a balizadora do desenvolvimento do conhecimento, na medida em que demanda a mobilização do conhecimento científico para a intervenção na realidade, evidenciando o grau de domínio dos conteúdos apropriados de modo articulado, permitindo ajustes mais precisos do conteúdo-forma na área em questão.

⁵ Ver: MATSUMOTO (2009); BRASILEIRO (2009).

CORPORAL CULTURE AS KNOWLEDGE OF THE PHYSICAL EDUCATION AREA

Abstract

This paper analyzes the concept of Corporal Culture presented as object of study of Physical Education. It is a text in the essay format, which is characterized as a study of theoretical basis, drawn from reflections on the term Corporal Culture, seeking to reflect on how this term is included in the area of Physical Education over the past decades and this gives an identity to their area of expertise. Thus, the objective is analyze the conceptual base that sustains the term Corporal Culture, with reference the book "Methodology of Teaching Physical Education" (COLETIVO DE AUTORES, 1992) in dialogue with references that give theoretical support.

Keywords: Physical Education. Corporal Culture. Knowledge Area. Study Object.

CULTURA DEL CUERPO COMO CONOCIMIENTO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA

Resumen

Este artículo analiza el concepto de Cultura del Cuerpo presente como un objeto de estudio de la Educación Física. Se trata de un texto en el formato de ensayo, que se caracteriza como un estudio de los fundamentos teóricos, elaborado a partir de reflexiones sobre el concepto de Cultura del Cuerpo, tratando de reflexionar sobre cómo este fue incluido en el ámbito de la Educación Física en las últimas décadas y esto le da una identidad a su área de especialización. Por lo tanto, nuestra meta es analizar la base conceptual que sustenta el concepto Cultura del Cuerpo, con referencia a su fuente de trabajo "Metodología de la Enseñanza de la Educación Física" (COLETIVO DE AUTORES, 1992) en el diálogo con las referencias que dan soporte teórico.

Palabras clave: Educación Física. Cultura del Cuerpo. Área de Conocimiento. Objeto de Estudio.

Referências

ARANTES, A. A. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

AYOUB, E. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. **Leitura: Teoria & Prática** (suplemento), Associação de Leitura do Brasil, Campinas, SP, n.58, p.274-283, junho de 2012.

BAKHTIN, M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los boradores y otros escritos. Traducción del ruso: Tatiana Bubnova. San Juan, Universidad de Puerto Rico: Anthropos, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9.ed. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASILEIRO, L. T. **Dança-Educação Física: (in)tensas relações**. 473f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GUIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1989.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: ADAM, Y. et al. **Desporto e desenvolvimento humano**. Lisboa: Seara Nova, 1977.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1978.

LEONTIEV, A. **Actividad, Conciencia Personalidad**. Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1981.

MANACORDA, M. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

MARX, K. **O capital**. Livro 1. V. 1. São Paulo: Difel, 1987.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATSUMOTO, M. H. **O ensino-aprendizado do gesto na aula de educação física**. 211f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo e mente**. Campinas: Papirus, 1983.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2011.

SILVA, A. M. Corpo, conhecimento e educação física escolar. In: SOUZA JÚNIOR, M. (Org.). **Educação Física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, p.85-95, 2005.

SOUZA JUNIOR, M. *et al.* **Relatório de Pesquisa: Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão**. Recife: ETHNÓS/ESEF/UPE, 2011a.

SOUZA JUNIOR, M. *et al.* Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p.391-411, 2011b.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. A. Cultura corporal. In: HERMIDA, J. F. (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p.173-180, 2009.

TENÓRIO, K. *et al.* Propostas curriculares Estaduais para Educação Física: uma análise do binômio intencionalidade-avaliação. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.3, p.542-556, 2012.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

.....

Recebido em: 29/04/2016

Revisado em: 22/08/2016

Aprovado em: 22/08/2016

Endereço para correspondência:

livtb@hotmail.com

Lívia Tenorio Brasileiro

Universidade de Pernambuco

Av. Gov. Agamenon Magalhães, S/N

Santo Amaro, Recife - PE, 50100-010